



FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA

ACONSELHAMENTO CRISTÃO:
UMA ALTERNATIVA DE ENCORAJAMENTO
PARA OS ADOLESCENTES

DARCIVALDO ANTONIO LOPES FARIAS

BELÉM-PARÁ
2014



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA**

**ACONSELHAMENTO CRISTÃO:
*UMA ALTERNATIVA DE ENCORAJAMENTO
PARA OS ADOLESCENTES***

DARCIVALDO ANTONIO LOPES FARIAS

Monografia apresentada em cumprimento às exigências
Do curso de Bacharel em Teologia pela Faculdade
Teológica Batista Equatorial – FATEBE.
Orientador: Prof^o Benildo Veloso Costa.

BELÉM- PARÁ
2014

FARIAS, Darcivaldo Antonio Lopes

ACONSELHAMENTO CRISTÃO: *uma alternativa de
encorajamento para os adolescentes.*

Darcivaldo Antonio Lopes Farias. Belém: Edição Independente, 2014.

Monografia (Graduado em Teologia) - Faculdade Teológica
Batista Equatorial. FATEBE

1. Definição – 2. Conselheiro - 3. Aconselhamento I. Título.

NOMINATA

Diretor Geral

Dr. David Bowman Riker

Diretor Acadêmico

Prof. Me. José Carlos de L. Costa

Coordenador de Pós-graduação e pesquisa

Prof^o Me. Elcio Sant'anna

Diretor Administrativo

Pr. Antonio Ronaldo Fermiano Souza

Secretaria Geral

Responsável: Sheila Gomes Carneiro Sousa

ACONSELHAMENTO CRISTÃO:
*UMA ALTERNATIVA DE ENCORAJAMENTO
PARA OS JOVENS MODERNOS*

DARCIVALDO ANTÔNIO LOPES FARIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
Requisito final para obtenção de grau de Graduação em
Teologia pela FATEBE – Faculdade Teológica Batista
Equatorial/orientado pelo Profº Benildo Veloso Costa

Banca Examinadora:

1. _____ Profº
Benildo Veloso Costa

2. _____ Profº
Josué da Silva de Lima

3. _____
Profº Me. Elcio Sant'anna

Aprovado em: ___ / ___ / ___

Conceito: _____

“Toda Escrituras é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”.

2Tm 3.16-17

A G R A D E C I M E N T O S

Agradeço a Deus por nos ter dado força, sabedoria para concluirmos este trabalho. Por nos ter ajudado nos momentos difíceis, estando sempre do nosso lado.

Agradeço a minha família, especialmente a minha mãe, Maria Lopes pelo apoio, através da oração, incentivo e carinho.

À Igreja da qual sou membro, a Primeira Igreja Batista de Tucuruí pela oportunidade do desenvolvimento de meus dons espirituais, e o amor pelo próximo, contribuindo com que seja cooperador do Evangelho.

Aos meus amados professores, pelo conhecimento ministrado, e pelo bom exemplo cristão.

Ao irmão Josias Lira, que através da missão IDE, me ajudou financeiramente com a bolsa de estudo.

“Só teremos uma igreja forte, com jovens e adultos firmes, atuantes e conscientes de sua missão no mundo, quando houverem pessoas dispostas a pagar o preço do compromisso primeiro com Cristo e depois com as crianças e adolescentes, reconhecendo neles uma forma de investimento eterno de proporções incalculáveis”.

E b e n é z e r d a S . B a r r o s

RESUMO

O presente trabalho mostra a adolescência. Esta é entendida pelos estudiosos como a fase da vida de difícil relacionamento, tanto para os adolescentes como para seus pais. Porém, é de fato um estágio da vida que dá ao indivíduo uma real possibilidade de crescimento. Entendese que o aconselhamento cristão para os adolescentes dos dias atuais é imprescindível. Em meio aos problemas de identidade, sexualidade, relacionamento com os pais, necessidades afetivas, dúvidas, é necessário verificar suas causas- mudanças físicas, mudanças sexuais, relações interpessoais, moral e religião, independência, identidade e auto-estima, bem como a expectativa do futuro- das dificuldades deste período. Deus escolhe e capacita homens para que atuem na área de aconselhamento. Sim, Deus chama, santifica, e constitui conselheiros para ministrarem a sua Palavra, àqueles que necessitam de apoio, conforto, consolo, por conviverem com experiências dramáticas. O Aconselhamento para os adolescentes constitui-se em um serviço prestado por homens de Deus.

Palavras-chave: Aconselhamento, adolescência, conselheiros, fase da vida.

ABSTRACT

This work shows adolescence. This is understood by scholars as the stage of life difficult to deal with, both for adolescents and for their parents. However, it is indeed a stage of life that gives the individual a real possibility of growth. It is understood that the Christian counseling for teens of today is essential. Among the problems of identity, sexuality, relationship with parents, emotional needs, doubts, you should check your causas- physical, sexual changes, interpersonal relationships, morals and religion, independence, identity and self-esteem as well as the expectation the future- the difficulties of this period. God chooses and enables men to act in the area of counseling. Yes, God calls, sanctifies, and counselors is to minister His Word, to those who need support, comfort, consolation, by living with dramatic experiences. The counseling for teens is in a service provided by men of God.

Word-key: Counseling, adolescence, counselors, stage of life.

SUMÁRIO

ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS	1-11
1 INTRODUÇÃO	12
2 CONHECENDO O ADOLESCENTE A QUEM SE VAI ACONSELHAR	13
2.1 UMA DEFINIÇÃO DE ADOLESCÊNCIA	13
2.2 ADOLESCÊNCIA E SEUS TRÊS PERÍODOS	15
2.2.1 A pré-adolescência	15
2.2.2 A adolescência	16
2.2.3 A adolescência final	18
2.3 A ADOLESCÊNCIA E SEUS VÁRIOS FATORES	18
2.3.1 Mudanças físicas	19
2.3.2 Mudanças sexuais	19
2.3.3 Relações interpessoais	22
2.3.4 Moral e religião	23
2.3.5 A independência	23
2.3.6 A identidade e a auto-estima	24
2.3.7 O futuro	24
2.4 CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTAIS DA CRISE DA ADOLESCÊNCIA	25
2.4.1 Independência	25
2.4.2 Disciplina	26
2.4.3 Oposição à autoridade	27
2.4.4 Oscilação de humor	27
2.4.5 Depressão e elação	28
2.4.6 Falta de ordem	29
2.4.7 Inconstância	29
2.4.8 Afeto	30
O CONSELHEIRO DE ADOLESCENTES E SUAS QUALIDADES	31
3.1 ÉTICAS	31
3.1.1 Guardar confidências	32

3.1.2	Evitar o contato físico	32
3.1.3	Não usar o aconselhamento para satisfazer seus próprios desejos	33
3.1.4	Não esconder suas convicções cristãs	33
3.1.5	Não tentar convencer o aconselhado a continuar recebendo conselho	33
3.1.6	Reconhecer suas próprias limitações	34
3.2	TRÍADE TERAPÊUTICA	35
3.2.1	Congruências	35
3.2.2	Calor humano não-possessivo	36
3.2.3	Compreensão empática	36
4	O CONSELHAMENTO PARA O ADOLESCENTE	38
4.1	“AS BOAS-VINDAS”	38
4.2	“O ENTENDIMENTO”	41
4.3	“A CONFRONTAÇÃO E O CONSOLO”	42
4.4	“A AÇÃO”	43
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
6	REFERÊNCIAS	46

1. INTRODUÇÃO

Tradicionalmente a adolescência tem sido considerada por muitos estudiosos como o período mais difícil no desenvolvimento das etapas de vida de uma pessoa, tanto para os adolescentes como para seus pais. Porém compreende-se que a adolescência é o estágio da vida com real possibilidade de crescimento. Entende-se que o aconselhamento cristão para os adolescentes dos dias atuais é imprescindível. Em meio aos problemas, necessidades, dúvidas, etc que permeiam suas mentes, é necessário verificar suas causas. Também, é relevante conhecer as etapas de vida desses adolescentes tais como: crescimento físico, emocional, social no ambiente em que estão inseridos. Este trabalho busca entender sobre o aconselhamento cristão, através da orientação aos adolescentes. Para isso, a obra acadêmica foi dividida em: Conhecendo o adolescente a quem se vai aconselhar; o conselheiro de adolescente e suas qualidades; e o aconselhamento para o adolescente. Esta obra tem a finalidade de conduzir o leitor ao conhecimento acadêmico sobre o aconselhamento cristão voltado para a adolescência. Hoje mais que nunca muitos conselheiros enfrentam problemas pressão da família, dos amigos da sociedade em geral, e ainda há outros trazidos pela modernidade. Portanto, este trabalho tem como objetivo identificar esses problemas e suas possíveis soluções, pois é de vital importância para que se tenham respostas adequadas e eficazes para o tratamento feito com aconselhamento.

3 2 CONHECENDO O ADOLESCENTE A QUEM SE VAI ACONSELHAR

A adolescência trata-se de uma idade extremamente importante, devido as mudanças significativas em vários aspectos da existência. O aconselhamento deve observar o comportamento dos adolescentes com os pais, com os amigos, consigo mesmo, a auto-imagem, questões existenciais, ambientais e assim por diante. Esta seção trata da definição, dos três períodos, dos fatores e das características comportamentais da adolescência.

2.1 UMA DEFINIÇÃO DE ADOLESCÊNCIA

Segundo Gary R. Collins, a adolescência é um período da vida mal definido que se inicia antes dos dez anos e se prolonga até perto dos vinte, abrangendo mesmo os primeiros anos da década dos vinte.¹ Este conceito compara-se com Paul Hoff, quando diz “essa fase é o período em que se fixam metas na vida e na qual eles tentam estabelecer sua identidade”.² É um período em que os jovens se vêem obrigados a tomar decisões que influenciarão toda a sua vida. E considera o período compreendido entre a puberdade e os vinte anos.

Todavia, Diane e Sally apresentam outro período: “A adolescência dura quase uma década, aproximadamente dos 12 ou 13 anos até o início dos 20 anos. Não há definição clara para seu ponto de início ou fim. Geralmente considera-se que a adolescência inicia na puberdade, o processo que leva à maturidade sexual ou fertilidade”.³

Tratando da puberdade com enfoque na identidade sexual, Içami Tiba comenta que a inundação dos hormônios sexuais na criança e o terremoto corporal produzem uma mudança radical tanto no aspecto físico como nas emoções de um filho, gerando tumulto na família. É o que ele chama de época da “convulsão familiar”.⁴ Portanto neste período o feminino e o masculino apresentam grandes diferenças no comportamento ditado pela dobradinha hormônios - cultura.

A garota dá extrema importância às suas colegas e amigas, formando grupos e subgrupos que se unem como amigas eternas, ou podem afastar-se como inimigas mortais. O papel da família cai

¹ COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão**. 12ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 191.

² HOFF, Paul. **O pastor como conselheiro**. 4ª. ed. São Paulo: Vida, 2002 p. 187.

³ PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sallay Wendkos. **Desenvolvimento humano**. Trad. Daniel Bueno. 7ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 310.

⁴ TIBA, Içami. **Quem ama, educa**. 126ª. ed. Sao Paulo: Gente, 2002. p. 84 ⁵
Ibid.

para o segundo plano. Quanto à religiosidade é exercida em uma máxima carga. Os aniversários são supervalorizados com a presença de todas as amigas, menos com aquelas “chatérrimas” que até ontem era a melhor amiga. Quando há o interesse pelo mesmo garoto, surgem as competições entre as amigas.⁵

Do lado do rapaz, o sentido é oposto. Esta fase se caracteriza por ser anti-social, em outras palavras, o rapaz isola-se, torna-se irritadiço, respondão, mal humorado. Seus problemas não são divididos, pois não pede e nem oferece ajuda. Deste modo, enorme são as transformações corporais e psicológicas da púbere masculino que ele fica sem energia para investir nos relacionamentos sociais.⁵

A família sente o reflexo de tudo isto com estranheza. É difícil o diálogo aberto, alegre e falante com o garoto, ao contrário do que ocorre com a garota. O garoto tem-se a impressão de que está brigando com o mundo. Tiba afirma: “os púberes gostam de demonstrar uma autosuficiência que não possuem”⁶⁷, assim sendo, para os garotos a dependência os constrange, estes desejam fazer o que querem sem estarem capacitados. A força dos hormônios faz com que o garoto goste das garotas, contudo não se abre, com receio da rejeição e desta forma não as procura. A sua testosterona é um complicador que não permite que leve desaforos pra casa, assim sendo briga por qualquer motivo e jamais pede desculpas.⁸

Esta divisão tratou da definição da adolescência como um período da vida mal definido que se inicia antes dos dez anos e se prolonga até perto dos vinte. Tal entendimento ajuda o concelheiro a definir, para si próprio, a natureza dos problemas que estão vivenciando as pessoas deste período. Assim, eles podem tomar decisões realistas em relação ao que podem fazer para diminuir o impacto dos problemas do adolescente sobre si, sua família e seus amigos. Ajuda as pessoas a adquirirem confiança para mudar o seu estilo de vida. Na qual é uma parte fundamental do aconselhamento. Agora veremos a adolescência e seus três períodos.

2.2 ADOLESCÊNCIA E SEUS TRÊS PERÍODOS

Conforme Collins, a adolescência está dividida em três períodos: (a) a pré-adolescência a qual começa entre os dez ou onze anos e continua até os anos do primeiro grau; (b) a adolescência que compreende o período dos quinze aos dezoito anos quando o jovem está no segundo grau; (c) e a adolescência final que abrange aproximadamente os dezoito anos e se estende até a casa dos vinte.⁸

⁵ Ibid.

⁶ Ibid., p. 85.

⁷ Ibid.

⁸ COLLINS, Op. Cit., p. 191-193.

2.2.1 A pré-adolescência

A pré-adolescência, segundo Collins, caracteriza-se por ser um período de grandes mudanças biológicas aonde são produzidos sentimentos de ansiedade, confusão e prazer.⁹ Pode ser notado em ambos os sexos um súbito crescimento dos membros, mudanças nas proporções do corpo, engrossamento da voz dos meninos, aumento dos órgãos sexuais, crescente produção de hormônios, aparecimento dos pêlos púbicos, aumento do tamanho dos pólos da pele com maior atividade glandular (o que produz acne) também o surgimento de pêlos no rosto e no corpo que são mais notados nos meninos.¹⁰

Neste período ocorrem os ajustes emocionais em ambos os sexos, nas meninas em decorrência de ser o período da menarca (primeira menstruação) e nos meninos as emissões seminais. É notado que há um declínio na idade da primeira menstruação bem como na emissão de sêmen, isto traduz uma precocidade no início da adolescência.¹¹ Estas alterações causam efeitos sociais e psicológicos.

De um modo, geral grande partes dos pré-adolescentes sentem-se embaraçados, conscientes de uma aparência física e insatisfeitos com ela. Os impulsos sexuais são caracterizados pela dificuldade em seu controle uma vez que o seu desenvolvimento sendo acelerado ou lento traz embaraços no que tange ao vestuário, onde os companheiros podem notar as diferenças com mais facilidade, a exemplo do constrangimento no uso de absorventes pelas meninas, e ereções nas horas mais inesperadas nos meninos.¹²

Quanto aos ajustes sociais compreende as influências e pressões das pessoas de mesma idade, insegurança gerada pelo avanço acadêmico, desenvolvimento de íntimas amizades, os ídolos e as “paixonites” por pessoas do sexo oposto. Além disso, temos um novo espírito de independência dos pais, inclusive valores que por eles foram estabelecidos ao longo dos anos.¹³

2.2.2 A adolescência

No período da adolescência segundo Collins produzem-se, menos mudanças físicas, os impulsos sexuais continuam intensos e difíceis de controlar devido a pressões de grupos e valores; existe um grande desejo de aceitação e identificação com a linguagem do grupo de adolescentes bem como na maneira de vestir-se e na forma de diversão, o namoro torna-se de extrema importância e os “rompimentos” são muito penosos. Durante este período três influências podem mostrar-se

⁹ Ibid., p. 191.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Ibid.

¹² Ibid.

¹³ Ibid.

extremamente importantes: sexo, drogas e veículos a motor.¹⁴ Estas estão ligadas a pressões dos companheiros, mudanças físicas, inseguranças e lutas do adolescente para encontrar sua identidade.

Quanto a esses três fatores (sexo, drogas e veículos a motor), Moacir Costa ressalta a sexualidade na adolescência como um dilema de crescimento ao dizer que “cada sociedade estabelece rituais e costumes diferentes para que o indivíduo inicie sua vida sexual”.¹⁵ Quanto à mulher a obrigatoriedade é casar-se virgem, isto na sociedade de herança judaico-cristã. A base moral deste hábito está na necessidade de garantir a paternidade possibilitando assim a transferência de riqueza e propriedade. Quanto ao homem a sua iniciação sexual se dá bem cedo, com treze, quatorze anos com prostitutas, mediante autorização e incentivo do pai. Este ato tem como finalidade provar a virilidade bem como afastar o fantasma da homossexualidade.¹⁶ A respeito desta iniciação prematura temos um artigo da revista *Época*, por Solange Azevedo que diz:

O sexo está entrando em cena mais precocemente. Das capitais pesquisadas, Vitória, por exemplo, é onde os garotos têm a primeira transa mais cedo, aos 13 anos. Apesar dessas diferenças regionais, em todo o país mais da metade dos meninos entre 10 e 14 anos já teve alguma experiência sexual. Na década de 70, a iniciação ocorria bem depois, aos 20 anos. Os garotos são pressionados pela sociedade, diz Miriam Abramovay. Com as meninas é diferente. A primeira vez delas ocorre, em média, aos 15 anos e meio. A menina a gente sempre segura o máximo possível, mas um dia vai ter de acontecer, diz um pai, que participou de um dos grupos de discussão da pesquisa, em Porto Alegre.¹⁷

Com relação às drogas Costa compreende que as substâncias que alteram a psique humana são usadas desde o início da história. Civilizações de diferentes épocas têm incorporado a utilização das mesmas em seu costume. Seu poder de sedução é visto no exercício da fuga à rotina, pelo mundo mágico envolvente onde a coragem e a força são estimuladas para facilitar a expressão verbal e afetiva, que tornam as relações interpessoais mais abertas e espontâneas.¹⁸

Costa deduz que de um modo geral as drogas são usadas pelos adolescentes como uma forma de aliviar a insatisfação pessoal. E acrescenta que o uso contínuo das drogas afasta as pessoas de suas finalidades comuns, ou seja, na busca ilusória de crescimento e gratificação, as relações interpessoais, o contexto social e o espírito crítico entram num estado de deteriorização.¹⁹

Desta forma, o consumo de drogas torna-se um fim em si mesmo e desempenha o papel central na vida da pessoa. Além disso, as drogas têm um poder de alterar a sexualidade do indivíduo, ou seja, uma vez que a libido é alterada percebe-se a intensidade do desejo, do interesse sexual, da vivência do prazer. Por outro lado, o próprio desempenho sexual é visto por Costa: “Os efeitos das drogas

¹⁴ Ibid., p. 192.

¹⁵ COSTA, Moacir. **Sexualidade na Adolescência**. 3ª. Ed. Porto Alegre: RS L e PM Editores, 1986. p. 96.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ EPOCA. **Sexo para menores: como os adolescentes ficam, namoram e transam**. no. 303. São Paulo: Globo, 2004. p. 49.

¹⁸ COSTA, Op. Cit. p. 156.

¹⁹ Ibid., p. 157.

que prejudicam a ereção e a ejaculação no homem são bem compreendidos; o mesmo não ocorre em relação aos aspectos da sexualidade feminina”.²⁰

Conforme Costa a adolescência consiste em um período de grandes conflitos e incertezas na esfera sexual, sendo que o adolescente numa tentativa de resolver seus problemas sexuais pode utilizar as drogas.²¹ Isto se deve ao fato de que a iniciação sexual é revestida de uma intensa preocupação, além do que o contato inicial com a droga pode trazer conseqüências frustrantes ou gratificantes, dependendo da capacidade do adolescente de lidar com suas dificuldades. Quando a constância no uso, o adolescente torna-se cada vez mais desinteressado nas trocas afetivas e relacionamentos amorosos, o que contribui para o isolamento social. As percepções e as sensações relacionadas ao erotismo e ao sexo tornam-se anestesiadas.

2.2.3 A adolescência final

Segundo Collins a adolescência final caracteriza-se por ser um período onde começa a formatura do segundo ciclo. O jovem enfrenta neste período a tarefa de adquirir uma posição confortável na sociedade adulta, assumindo responsabilidades de adulto e passando a ter uma vida independente, além de formular um estilo de vida distinto, cabe aqui o planejamento do futuro, como a decisão de escolher um companheiro e uma carreira.²²

De fato, é importante conhecer cada período e suas respectivas influências (físicas, espirituais e comportamentais). Com este conhecimento o conselheiro sabe o que se esconde por detrás dos adolescentes e seus próprios valores, crenças religiosas e filosofias de vida. Na próxima seção, o desdobramento é sobre a adolescência e seus vários fatores.

2.3 A ADOLESCÊNCIA E SEUS VÁRIOS FATORES

Tratando sobre as causas dos problemas na adolescência, Collins identifica vários fatores²³, tais como: a) mudanças físicas, b) mudanças sexuais, c) relações interpessoais, d) moral e religião, e) independência, f) Identidade e auto-estima, g) futuro.

²⁰ Ibid., p. 158. Na mesma passagem, Costa declara: “O efeito das drogas sobre a sexualidade masculina tem sido objeto de estudos, em detrimento de pesquisas relacionadas à sexualidade feminina. Isso se deve ao fato de a resposta sexual masculina ser mais visível e quantificável. As substâncias que afetam o interesse sexual pela ação cerebral direta provavelmente têm o mesmo efeito sobre ambos os sexos”.

²¹ Ibid.

²² COLLINS, Op. Cit., p. 192.

²³ Ibid., p. 194.

2.3.1 Mudanças físicas

Quanto às mudanças físicas, Collins entende que as mesmas, correspondem à explosão de crescimento, problemas de pele, gordura excessiva, modificações nas proporções do corpo, aparecimento de pêlos no corpo, alterações na voz e outras mudanças físicas que levam a influenciar psicologicamente o adolescente.²⁴ Nesta fase, para o jovem é importante parecer atraente, e essas mudanças trazem embaraço e insatisfação.

Para Collins, “enquanto as meninas têm mais facilidade para superar esta rejeição, os rapazinhos que custam a amadurecer inclinam-se a manifestar problemas de ajuste pessoal e social mesmo na idade adulta”.²⁵ Hoff aconselha “é importante que os pais sejam compreensivos com os adolescentes e lhes expliquem os significados das mudanças físicas e das emoções resultantes, especialmente quanto ao desenvolvimento sexual”.²⁶

2.3.2 Mudanças sexuais

Em relação às mudanças sexuais, Collins identifica que a maioria dos jovens luta com o embaraço e a ansiedade em relação às mudanças físicas em seus corpos, como também os impulsos eróticos íntimos.²⁷ Os sentimentos de culpa nestas mudanças podem ser causados por fantasias sexuais, masturbação, intercurso entre adolescentes.

Para Jaime Kemp o problema da masturbação envolve conseqüências espirituais e emocionais negativas concorrendo para o escapismo, culpa, violação da consciência na área da liberdade cristã.²⁸ Ressaltando que a culpa é o maior problema em relação a este ato.

Reinhold Ruthe em resposta ao ato de masturbação ser pecado ou não, entende que pecado é errar o alvo, portanto a masturbação certamente é pecado. Citando Gerard Hoareau sobre a masturbação ser pecado ou não, este diz: “Essa pergunta não é fácil de responder. Eu penso que a masturbação não é pecado ... se torna pecado assim que ela desviar do verdadeiro objetivo que nos foi colocado. A masturbação, a longo prazo, leva ao isolamento e ao egocentrismo”.²⁹

Quanto ao temor da sexualidade a sua origem pode estar na afeição intensa e súbita por pessoas do mesmo sexo. O namoro pode ser tanto almejado como temido. Segundo Costa ao entrar na adolescência a pessoa desenvolve em maior ou menor grau a capacidade de estabelecer relações

²⁴ Ibid.

²⁵ Ibid.

²⁶ HOFF, Op. Cit., p. 191.

²⁷ COLLINS, Op. Cit., p. 194.

²⁸ KEMP, Jaime. **Respostas francas a perguntas honestas**. 2ª. ed. São Paulo: Sepal, 1989. p. 48.

²⁹ RUTHE, Reinhold. **Prática do aconselhamento terapêutico**. 1ª. ed. em português: trad: Irmgard August Siemens. Curitiba: Luz e Vida. p. 164.

afetivas, bem como a expectativa de receber e dar amor.³⁰ Aliado a isto, no namoro se inclui a capacidade de desenvolvimento do adolescente de perceber e discriminar os sentimentos do outro, como também de perceber e expressar suas necessidades e negociar acordos. Kemp sobre isto afirma:

Jovens investem seus pensamentos, energia e um tempo enorme, pensando nas possibilidades de um namoro. Muitas vezes carregam silenciosos e com temor de serem ridicularizados pelos companheiros, as pressões que ele acarreta. Porém, conversam constantemente sobre quem está saindo com quem, quem está paquerando quem e quem está querendo paquerar quem. Enquanto os adolescentes dedicam seu tempo e esforço com o que denominamos jogo do namoro, poucos estão realmente preparados para enfrentar as pressões e as decisões que ele apresenta.³¹

Para Costa o namoro consiste em uma relação de crescimento vivida por duas pessoas, sendo assim uma relação basicamente saudável. Ressalta-se a diferenciação entre transar e namorar.³³ Sendo que o primeiro estaria perto de uma amizade e não implicaria uma exclusividade ou maiores compromissos, já o namoro consiste uma relação de maior responsabilidade exclusividade. Ambos caracterizam-se por relacionamentos na esfera afetiva, de oportunidades de conhecimento da outra pessoa, bem como suas aspirações, os pontos comuns ou divergentes, curiosidades, desejos e fundamentalmente falar e ouvir. É um passo importante para uma relação madura posteriormente. Constituindo-se num vínculo afetivo que permite dar e receber amor.

O adolescente entende que transar ou namorar com diferentes pessoas é comum, uma vez que a intenção é de chegar cada vez mais perto do que se considera o parceiro “ideal”. Porém pode acontecer desse “ideal” nunca chegar uma vez que a pessoa que se espera não preencha uma série de requisitos, ou seja, um modelo no qual se espera que outra pessoa se enquadre nunca seja preenchido. Sendo assim os problemas se desenvolvem em função de nossas expectativas em relação ao desempenho do outro. Sobre esta dificuldade na idealização na relação do namoro, Kemp destaca que:

Há uma confusão muito grande entre o que é amor verdadeiro e alguma coisa que a gente sente por uma garota ou rapaz. Quando um(a) jovem namora, ele(a) tem sentimentos de amor para com a outra pessoa, precisa tomar cuidado para não perder a objetividade. Objetividade é a capacidade de avaliar as coisas como realmente são, em vez de ser manipulado por sentimentos ou paixões. Nem sempre é fácil para um jovem distinguir entre amor e paixão. Por isso muitos jovens tomam decisões apressadas. Perdem a objetividade, casam com a pessoa errada, e depois descobrem que aquilo não era amor, mas simplesmente paixão romântica. Deus é a única pessoa que pode pensar de maneira

³⁰ COSTA, Op. Cit., p. 79.

³¹ KEMP, Jaime. *Adolescência: Crise ou Curtição?* 5 ed. São Paulo: Vida. 2004, pp. 120-121.³³
COSTA, Op. Cit., p. 80.

totalmente objetiva, isto é, Ele faz decisões baseadas no entendimento completo da situação. Deus tem uma vista aérea da nossa vida.³²

Paul Hoff “com a chegada da puberdade, a pessoa passa a sentir uma atração crescente pelo sexo oposto. Os adolescentes se preocupam muito com a aparência, e se são mulheres, pela figura (o copo como sexo, e como aquilo que brilha ou não brilha)”.³³ Há uma preocupação de como agir em presença de pessoas do sexo oposto.

Para Beverly Lahaye, as mudanças mais significativas que os adolescentes enfrentam constitui-se nas físicas e sexuais. A infância e sua inocência é substituída pelos impulsos sexuais que certamente inspiram um sentimento de culpa.³⁴ Ele afirma: As meninas muitas vezes têm sensações amorosas que provocam arroubos de paixão pelos rapazes, e acabam por envergonhar a seus pais e a elas mesmas. Um certo verão, depois de entrar no ginásio, uma de nossas filhas olhou pela janela do escritório e reconheceu uma amiga a quem ela muito admirava, na exuberância de seus 15 anos, e disse: Baah! Fico até com vergonha de Sara. Ela está lá fora piscando à toa para os rapazes. Dois anos depois eu olhei pela mesma janela e vi nossa filha fazendo exatamente a mesma coisa. Os pais frequentemente esquecem e as mães não podem entender o trauma por que passa um garoto ao experimentar sua primeira ereção, ou a vergonha e o embaraço causados por sua primeira poluição noturna.³⁵

2.3.3 Relações interpessoais

A respeito das relações interpessoais, Collins salienta que no período da adolescência o indivíduo está se modificando em suas relações com os pais, companheiros da mesma idade e outros em seu grupo social.³⁶ A apreciação e aceitação são importantes para os jovens especialmente do sexo oposto. Quando existem incertezas e diretrizes paternas não claras o jovem sente-se ansioso e por vezes hostil.

Hoff, ao tratar do desenvolvimento social do adolescente afirma que “normalmente é difícil relacionar-se bem com os adultos, mesmo que se deseje ardentemente ser adulto e ser aceito por eles. Há fatores que lhe impedem de realizar tal desejo”.³⁷ Por exemplo, a timidez resultante de sua lentidão às vezes possibilita com que o adolescente se perceba incomodado perante pessoas mais velhas.

³² KEMP, Jaime. **Eu amo Você**. 12ª. ed. São Paulo: Sepal, 1989. p. 70.

³³ HOFF, Op. Cit., p. 193.

³⁴ LAHAYE, Beverly. **Como desenvolver o temperamento de seus filhos**. 9ª. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1999. p. 93.

³⁵ Ibid., p. 93.

³⁶ COLLINS, Op. Cit., 194.

³⁷ HOFF, Op. Cit., pp. 192-193.

Na visão de Tiba “os jovens gostam de se mostrar, de verem e serem vistos pelos seus semelhantes. Adoram ir a lugares onde nem conseguem entrar...”.³⁸ Para ele estes competem entre si por todos os lugares, comparam-se a todo instante, apresentam comportamentos alvoroçados, roupas e adornos. Constroem turmas para tudo: esportes, saídas noturnas, estudos, viagens etc. quanto à ligação com seus semelhantes (no caso de outros adolescentes) é considerado muito mais importante do que aquela mantida com os pais.

Estes adolescentes apresentam a “embriaguez relacional” consiste em um estado de alteração psíquica, capaz de influir tanto em seu quadro de valores que eles fazem coisas que sozinhos, ou na presença dos pais, não fariam. Este estado não se origina por agentes químicos como o álcool, mas pela força do relacionamento estabelecido entre os jovens.

2.3.4 Moral e religião

Collins ao tratar dos valores, moral e religião enfatiza que à medida que as restrições paternas são postas de lado e as atitudes dos companheiros se modificam, os adolescentes desenvolvem um conjunto de valores e crenças pessoais.³⁹ Assim sendo, a diminuição das atividades religiosas e escolha de uma outra fé são comuns na adolescência, acarretando cuidado dos pais e líderes da igreja. Com o passar do tempo, quase sempre os jovens vêm a adotar valores semelhantes aos dos pais, mas quando os mesmos são aceitos trata-se daquilo que os jovens realmente acreditam e não simplesmente daquilo que lhe foi ensinado.

Para Hoff, a adolescência consiste em um período de questionamentos sobre várias coisas, dentre elas a religião, e no período da infância a pessoa aceita incondicionalmente as crenças de seus pais, porém, ao chegar à adolescência, verifica-se uma mudança.⁴⁰ Aonde as idéias e os ensinamentos não são aceitos sem primeiramente serem examinados.

Verifica-se a utilização do raciocínio para conhecer e julgar o que escutam e lêem, inclusive as leituras religiosas. Dentro desse aspecto moral e religioso, Tiba, entende que a religiosidade entra em ebulição na adolescência, pois adquirir a força das paixões, a fidelidade da melhor amizade, o fanatismo das torcidas, a adrenalina dos desafios, o prazer da aventura, a intensidade do amor que faz perder a cabeça, tudo isso representa a energia gregária na sua máxima concentração.⁴¹

2.3.5 A independência

³⁸ TIBA, op. cit; p. 86.

³⁹ COLLINS, Op Cit, p. 195.

⁴⁰ HOFF., Op. Cit., p. 191.

⁴¹ TIBA, Op. Cit., p. 86.

Para Collins a independência se dá através da conscientização de não serem mais crianças, os adolescentes buscam a liberdade.⁴² De um modo geral, o que os jovens querem e pensam que podem manejar difere do que os pais desejam ou acham prudentemente conceder. Cria-se neste momento uma grande tensão, frustração e lutas pelo poder, chegando mesmo a uma rebelião.

Hoff acredita que é importante que a pessoa durante a sua adolescência aprenda a tomar as suas decisões, a assumir responsabilidades e deixar para trás a vida protegida e dominada por seus pais.⁴³ Para Tiba o adolescente reflete a educação que recebeu na infância, porém dá tanto importância à turma, quanto ao vestir, falar e agir com os membros do grupo, sendo assim quanto mais influência receber da turma menos aparece o que aprendeu em casa.⁴⁴

2.3.6 A identidade e a auto-estima

Conforme Collins, a identidade e a auto-estima estão ligadas aos sentimentos de autocondenação, incompetência social, incapacidade acadêmica ou atlética, e fracasso espiritual. Provenientes das críticas, rejeição social, ou incapacidade de ser bem-sucedido em alguma tarefa importante.⁴⁵ O aconselhamento ajuda as pessoas a refletirem sobre os seus valores, atitudes, percepções e condutas para que possam fazer escolhas informadas e consistentes com os seus valores e prioridades. Assim, elas podem tomar decisões legitimistas em relação ao que podem fazer para diminuir o impacto desses problemas sobre si e sua auto-estima, sua família e seus amigos. O aconselhamento ajudar as pessoas a adquirirem confiança para mudar o seu estilo de vida, sua auto-estima. É uma parte fundamental do aconselhamento.

2.3.7 O futuro

Segundo Collins o futuro: é o momento em que os adolescentes buscam determinar se irão casar-se e com quem, como planejar sua carreira bem como o que farão de suas vidas, valores e estilo de vida.⁴⁶ Escolher uma profissão pode ser uma decisão difícil. Além disso, ela pode provocar frustração, pessimismo e a necessidade constante de reavaliar escolhas vocacionais.

⁴² COLLINS, Op. Cit., p. 195.

⁴³ HOFF, Op. Cit., p. 195.

⁴⁴ TIBA, Op. Cit., p. 86.

⁴⁵ COLLINS, Op. Cit., p. 195.

⁴⁶ COLLINS, Ibid., p. 198. Na mesma passagem se encontra: “Qual é o meu lugar?” A resposta a essee pergunta depende, até certo ponto, do nível sócio-econômico, traços de personalidade, oportunidade, capacidades, valores e expectativas da família. Escolher uma profissão pode ser uma decisão difícil, e os adolescentes, assim como as pessoas de vinte ou trinta anos, muitas vezes fazem várias tentativas que não têm a menor chance de sucesso”.

A identificação dos vários fatores pelo conselheiro implica no entendimento e na aceitação de que no adolescente há mudanças físicas, sexuais, relações interpessoais, moral e religião, independência, identidade, auto-estima, e a perspectiva de futuro. Agora, segue as características comportamentais da crise da adolescência.

2.4 AS CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTAIS DA CRISE DA 4 ADOLESCÊNCIA

Segundo Fernanda P. Novello, o comportamento dos adolescentes apresenta características que podem ser tratadas como a independência, a disciplina, oposição à autoridade, oscilação de humor, depressão e elação, falta de ordem, falta de ordem, inconstância, e afeto.

2.4.1 Independência

A independência consiste pelo gosto que o jovem tem por ser dependente, não ser cobrado nem tolhido em sua liberdade. A independência representa o amadurecimento e não significa para os pais e nem para o próprio adolescente desprendimento total. Quando adulto o adolescente terá respeito e dedicação aos seus pais pela presença da amizade então o amor que nos une não será mais de independência, mas de afeto sincero e gratidão aos seus pais.⁴⁷

Entende-se que os pais não devem, obter a custa do constrangimento, querer livrar seus filhos dos medos, dos acidentes do sexo, apreensões. Novello percebe que a saída é que os pais devem auxiliar os adolescentes no que for necessário, emitir opiniões, as quais podem ser avaliadas sendo aceitas ou não, promovendo a autodeterminação dos jovens com muito tato e carinho e ressaltando as possibilidades reais e concedendo privilégios de adultos.⁴⁸

Quanto a roupas, danceteria, vocabulário e excentricidade, Novello entende que esses elementos caracterizam a afirmação da independência do adolescente. Portanto mudança de interesses e atitudes quanto à compra de roupas, a frequência em danceterias, a presença de um vocabulário específico indicam a mudança de sua personalidade.⁴⁹ Muitas vezes isso entristece os pais por se sentirem envergonhados pela mudança no comportamento de seus filhos.

⁴⁷ NOVELLO, Fernanda Parolari. Psicologia da adolescência. 2ª. ed. São Paulo. Ed. Paulinas. 1990, p. 137.

⁴⁸ Ibid, p. 139.

⁴⁹ Ibid, p. 140.

⁵² Ibid., p. 143.

⁵³ Ibid., p. 144

⁵⁴ Ibid., p. 148.

Novello compreende que as discussões são bem comuns entre os irmãos e tem o objetivo de conquistar o carinho dos pais. Uma forma de impedir tal conflito é descontar parte da mesada, uma vez que o bolso é uma parte sensível nesta fase da vida. Fazendo isso para os dois que estão em contenda, ambos buscarão maior controle emocional.⁵²

Para Novello a conduta dos adolescentes é algo a ser observado pelos pais. Estes devem tomar o caminho de apontar as vantagens e desvantagens da conduta que o filho deseja tomar, dando-lhes a responsabilidade por seus atos, com ela liberdade de ação e o respeito a vontade dos adolescentes a fim de poderem ser respeitados. O comportamento dos pais deve ser de firmeza em admitir o pensar de seus adolescentes, possibilitando a exposição de suas idéias às quais podem ser aceitas ou não.⁵³

Quanto à independência econômica Novello acredita ser muito bom que o adolescente aprenda desde cedo a lidar com seu dinheiro e a controlar seus gastos. E aconselha que os pais devam ajudar seus filhos quanto da carência de recursos financeiros, instituindo assim uma mesada de acordo com suas posses bem como as necessidades do adolescente. Sendo que a mesada jamais deve ser controlada, que fará dela o que bem entende.⁵⁴ Acredita-se que com as experiências negativas aos poucos vai aprender a fazer uso correto de seu dinheiro.

2.4.2 Disciplina

Segundo Novello a disciplina deve estar presente na vida do adolescente. As concessões devem ser feitas gradativamente, uma vez que o adolescente tem a tendência de colocar o modelo paterno em segundo lugar, pois pensando na independência procura se diferenciar. É de grande importância para o adolescente a conquista da liberdade em troca da submissão familiar. Então transfere essa submissão aos amigos e ao grupo com que se identifica.⁵⁰

Para Novello o carro e a moto são elementos que proporcionam uma sensação de liberdade ao jovem. Para este a visão de mundo e sua atitude modificam-se acentuadamente em função da posse de uma moto ou de um automóvel.⁵⁶ Ele aconselha que os pais devam expor aos filhos os perigos e exageros dessa pretensa liberdade. Informando-lhes as conseqüências que podem sofrer, apontando o que pode trazer satisfação ou não nas experiências dos adolescentes.⁵¹

2.4.3 Oposição à autoridade

Ser do contra constitui-se em um outro elemento em que Novello aponta como uma manifestação clara em conseqüência do impedimento de sua vontade. Tudo para o jovem constitui-se como causa

⁵⁰ Ibid., p. 145.

⁵⁶ Ibid., p. 146.

⁵¹ Ibid., p. 147.

de transtorno, e suas respostas a isso são diretas e ofensivas, chegando a ver os pais como inimigos.⁵² O jovem pode cometer muitos absurdos para que sua vontade seja livre e capaz de dirigir sua vida.

Desta forma, o seu pensamento vai se tornando do contra. A fase da adolescência é marcada pela oposição à autoridade e a tudo o que é estabelecido. Um fator que aumenta a revolta dos adolescentes é ser rechaçados pelos pais. Além do autoritarismo, das ameaças da agressividade que fará que o adolescente reaja de igual modo. Cabe aos pais fazer comparações com outros adolescentes, mas sim salientar suas qualidades, estimular comportamentos adequados, desenvolver a confiança em si.

2.4.4 Oscilação de humor

A oscilação de humor é outra característica comportamental encontrada no adolescente. Conforme Novello o jovem na procura de espaço para o seu crescimento interior através da contestação de regras e valores, de impulsos incontrolados de comparações, de conflitos, há também diferentes manifestações de humor.⁵³

Nem sempre há uma explicação lógica para a oscilação de humor do adolescente. Diante do abatimento, ele não esconde o seu desânimo bem como na manifestação de alegria a qual pode ser observada pela satisfação, assim há a possibilidade do seu humor passar de uma extremidade a outra com muita rapidez.

Novello afirma que é neste período da adolescência que os sentimentos são manifestados de modo muito mais vivo e exuberante, as paixões são profundas e efêmeras, os sonhos, as transformações e emoções ocorrem intensamente. Sendo tudo muito bonito ou tudo muito ruim. Com o passar do tempo, através do amadurecimento, virá então o controle emocional, e para isso é necessário que o jovem tenha muito carinho, compreensão e apoio.⁶⁰

2.4.5 Depressão e elação

Depressão e elação são vistos por Novello como elementos que compõem a adolescência intercalando a tristeza e a euforia, estando diretamente relacionados ao temperamento, a educação recebida pelo adolescente no meio em que vive. A exemplo disto temos o complexo de inferioridade que surge quando as ambições estão em desarmonia com as possibilidades do adolescente, resultando na depressão e na inferiorização. Isto também ocorre quando o adolescente fracassa nos estudos deixando-os por uma outra atividade que traga resultados financeiros.⁶¹

⁵² Ibid., p. 148.

⁵³ Ibid., p. 150.

⁶⁰ Ibid., p., 151

⁶¹ Ibid., p. 152.

O adolescente inteligente acaba se sentindo frustrado. Em contraposição à inferioridade existe a mania de grandeza. Nela os jovens apresentam um desejo de alta-afirmação, da necessidade de atenção, ou para encobrir um sentimento de inferioridade muito forte. Novello orienta no sentido de que o adolescente seja esclarecido no sentido de alcançar uma verdadeira percepção de si próprio, não se sentindo inferior ou superior a ninguém.⁵⁴

2.4.6 Falta de ordem

A falta de ordem constitui-se em um outro elemento que marca o comportamento do adolescente. Para Novello as irregularidades e as desarmonias marcam a interioridade do adolescente de maneira que como nada é organizado intimamente há a exteriorização através da bagunça e confusão em tudo o que é seu.⁵⁵

A justificativa do adolescente para essa desordem está na sua ordem e que sabe perfeitamente onde tudo está. Esta falta de organização representa a forte causa dos fracassos escolares e de muitas confusões. Entende Novello que o passo a ser dado é fazer com que o adolescente pense sobre a situação de desordem e decida por si mesmo colocar as coisas no lugar, uma vez que não está sozinho e não tem o direito de interferir na organização de outrem, além do que nesta ordem exterior resulta no benefício, do adolescente se sentir melhor interiormente.⁵⁶

2.4.7 Inconstância

Quanto à inconstância, Novello ressalta que muitos pais falam de seus filhos que assumem várias atividades, e bem cedo as abandonam, demonstrando assim um procedimento inconstante.⁵⁷ Deve-se notar que o adolescente está procurando seus próprios caminhos e necessita experimentar as várias oportunidades e definir a que deve seguir. Os pais agindo contrário, fatalmente coíbem o autoconhecimento e a capacidade de realização do adolescente.

Novello compreende que há um saldo positivo nisto tudo, ou seja, a experiência é válida e representa a cultura geral. Neste momento deve-se ter uma conversa franca com o adolescente mostrando-lhe carinho, apoio e aceitação, além da liberdade, possibilitando assim o seu crescimento, o que trará o retorno da satisfação de vê-lo enfrentar e vencer seus problemas com confiança.⁵⁸

⁵⁴ Ibid, p. 153

⁵⁵ Ibid, p. 154

⁵⁶ Ibid, p. 155

⁵⁷ NOVELLO, p. 155

⁵⁸ NOVELLO, p. 156

2.4.8 Afeto

Em relação ao afeto, Novello afirma que a tendência dos adolescentes é ocultar suas emoções, particularmente no que se refere ao carinho, não permitindo sentir ou receber afeto. Se na criança essa necessidade de carinho é fundamental, na adolescência é imprescindível que haja uma constância nos laços afetivos para que a capacidade de amar seja fortalecida.⁵⁹ É característico aos jovens dirigir seus carinhos aos amigos com os quais mantém confiança, fazendo com isso a base de grandes amizades. É papel dos pais estimularem os filhos a cultivar essa amizade, a exemplo da simples troca de livros ou revistas, possibilitando o desenvolvimento do compartilhar de emoções.

Resumindo, os conselheiros terão uma responsabilidade ainda maior de ajudar os adolescentes a estabelecer e esclarecer suas características que podem ser tratadas como a independência, a disciplina, oposição à autoridade, oscilação de humor, depressão e elação, falta de ordem, falta de ordem, inconstância, e afeto.

3 O CONSELHEIRO DE ADOLESCENTE E SUAS QUALIDADES

Conforme Ebenézer da Silva Barros a pessoa que nunca experimentou a satisfação de ser conselheiro ou amigo de um adolescente dificilmente poderá entender a alegria e a utilidade de seu

⁵⁹ Ibid, p. 157

aconselhamento.⁶⁰ Entende-se que poucas coisas atraem mais o adolescente do que uma atitude de compreensão e auxílio. Esta oportunidade deve ser explorada tanto pelo homem como pela mulher consagrados a Deus e acrescenta que deve-se agir naturalmente e segundo a natureza de cada adolescente, buscando sempre a direção do Espírito Santo. Contudo, é sempre proveitosa a leitura de livros sobre psicologia, sexualidade, liderança e relacionamentos.

3.1 ÉTICAS

Para Hoff, o pastor conselheiro é responsabilizado pelos seus atos diante de Deus bem como diante do aconselhado e diante da sociedade da qual faz parte. Seu objetivo deve estar sempre centrado no bem do aconselhado, evitando assim que seu aconselhado traga prejuízos a si como a terceiros.⁶⁹ No caso se as circunstâncias forem o próprio aconselhado atentar sobre sua própria vida é função do conselheiro fazer todo possível para impedir o suicídio.

Dentre os princípios da ética que devem nortear o ministério de aconselhamento pastoral Hoff cita os seguintes: 1) guardar confidências; 2) evitar o contato físico; 3) não usar o aconselhamento para satisfazer seus próprios desejos; 4) não esconder suas convicções cristãs; 5) não tentar convencer o aconselhado a continuar recebendo conselho; 6) reconhecer suas próprias limitações.⁶¹

⁶⁰ BARROS, Ebenézer da Silva. Manual do Líder de Adolescentes. Belém: COBAPA. 1995. p. 38 ⁶⁹ HOFF, op. cit, p. 29

⁶¹ Ibid, p. 30

3.1.1 Guardar confidências

Compartilhar com uma pessoa as suas dificuldades é uma tarefa difícil; e muito maior é com o adolescente. Isto representa dizer que o conselheiro deve possuir uma grande habilidade e sensibilidade, pois, cultivar a confiança de um adolescente é uma tarefa difícil.

Hoff entende ser inviolável todas as coisas que são passadas ao conselheiro pelo aconselhado. Portanto toda a conversação não deve ser divulgada a ninguém sem a própria permissão do aconselhado.⁶²

Da mesma forma, o pastor conselheiro não deve comunicar ao seu aconselhado assuntos de outrem e nem mesmo utilizar em seus próprios sermões como ilustrações. A procura de ajuda no sentido de resolver dificuldades particulares consiste em uma ação de confiança.

3.1.2 Evitar o contato físico

Hoff compreende que convém que o conselheiro não toque no seu aconselhado, restringindo-se apenas a um aperto de mão ou um abraço. Deve-se evitar ao máximo todos os meios que possam levar a uma situação de tentação, ou despertamento de emoções malignas.⁷² Hoff adverte que a regeneração e o chamado para o ministério do evangelho não livra nenhum homem de ser atraído por uma mulher a quem se esta aconselhando ou vive-versa.⁶³

Ainda sobre o “contato físico”, Hoff comenta sobre a posição de Rollo May que adverte para o risco do conselheiro que tem um problema sexual se apegar emocionalmente à aconselhado, assim prejudicando, a vida de ambos. É de responsabilidade do conselheiro, impedir que a aconselhada se apegue a ele, caso ocorra por permissão do conselheiro a relação está irreparavelmente prejudicada, não podendo mais aconselha-la. Quando as circunstancias de envolvimento emocional são percebidas, o conselheiro deve buscar a Deus contra a armadilha do inimigo.⁶⁴ Diante desse grande perigo que produz o contato físico, a prudência que deve ser priorizada pelos pastores que aconselham as mulheres, a não ser com alguém presente (a esposa do pastor).

3.1.3 Não usar o aconselhamento para satisfazer seus próprios desejos

⁶² Ibid, p. 30

⁷² Ibid.

⁶³ Ibid.

⁶⁴ , p. 31

Ibid.

Esse é outro elemento que envolve a ética no aconselhamento pastoral está representado, o qual é entendido por Hoff que inconscientemente alguns conselheiros são estimulados pela curiosidade, pelas suas necessidades sexuais e pelo desejo de outras pessoas dependerem dele.

Neste sentido o pastor deve ter consciência de suas fraquezas e procurar ajuda com o Espírito Santo para não cair em tentações.⁶⁵

A posição de Jesus representa um progresso a ser seguido, que vai além da integridade extrema dos escribas e fariseus. Jesus conduz a conscientização da autoridade de que se pode oferecer sobre a imaginação, pois, a mesma pode ser disciplinada. É possível colocar a mente naquilo que é verdadeiro, respeitável, justo, puro e amável (Fl 4.8).

Quando se é confrontado com a relidade do pecado, a condição é imitar o apóstolo Paulo dando graças a Deus que por Cristo servimos à Lei de Deus pelo entendimento e com a carne a Lei do pecado (Rm 7.15). Porém, se um cristão livre em Cristo, tomar essa liberdade com o pretexto da malícia (1Pe 2.16), não vivendo a serviço de Deus, comete pecado no coração do qual Jesus livrou.

3.1.4 Não esconder suas convicções cristãs

O valor do aconselhamento consiste em promover um relacionamento entre as pessoas que Deus proporcionou para alcançar seu propósito santificador. Assim, o conselheiro esforça-se desde o início para possibilitar uma imersão do adolescente na Palavra de Deus, de modo que aquilo que o adolescente aconselhado planeja alcançar com o aconselhamento seja cada vez mais coerente com o plano divino.

Hoff aponta como outro elemento ético não esconder suas convicções cristãs. Mesmo no aconselhamento a fé e a crença do conselheiro devem influenciá-lo. Neste sentido o conselheiro tem responsabilidade perante Deus e sua Palavra em apresentar ao aconselhado às verdades bíblicas relacionando-as as circunstâncias e seu problema pessoal.⁶⁶

As tarefas práticas levam o adolescente a deixar de lado uma interpretação pessoal da vida e assumir a interpretação de Deus. Isso requer que o aconselhamento tenha uma vida motivado e moldado pelos princípios bíblicos e não mais pelas emoções e desejos pessoais. Todos os caminhos de Deus são retos e todas as suas palavras são verdadeiras, de modo que as tarefas práticas convocam o aconselhado a aprender a testar cada questão à luz das Escrituras. Isso requer por parte do adolescente um investimento sólido no estudo bíblico, que resulta em sabedoria funcional a respeito da vida.

⁶⁵ , p. 31.

⁶⁶ Ibid.

Ibid.

3.1.5 Não tente convencer o aconselhado a continuar recebendo conselho

Esta qualidade constitui-se em um princípio ético apresentado por Hoff, no sentido de que se a pessoa não quer mudar é inútil incentivá-la a continuar recebendo aconselhamentos. É papel do conselheiro, respeitar os desejos do aconselhado e não obrigá-lo a permanecer contra sua vontade.⁷⁷

O aspecto espiritual representa a arena do coração. É a verdadeira essência do nosso ser, mais profundo até mesmo que aquilo que se considera como personalidade. Ninguém além de Deus é capaz de exercer, explicar, controlar ou mudar o coração de outra pessoa e suas escolhas. Em Jeremias 17.9 diz que o coração do homem é enganoso e incompreensível a todos menos Deus. Talvez seja mais apropriado dizer que o aconselhamento procura iluminar o coração. Portanto, o objetivo é ajudar as pessoas para que vejam a si mesmas como Deus as vê e, desta forma, tomar o amor de Deus algo extremamente desejável.

77

3.1.6 Reconhecer suas próprias limitações

Hoff aponta para o reconhecimento pelo conselheiro de suas próprias limitações em ajudar a todos. Existem casos difíceis em que não havendo resultados positivos ser mais indicado que o conselheiro não realize o aconselhamento. A exemplo da falta de conhecimento e preparação adequada para aconselhar pessoas anormais, de comportamento incomum, que oferecem perigo a si e a outras pessoas.⁶⁷

Na verdade, Hoff aconselha que o pastor conselheiro busque reconhecer as características de pessoas mentalmente enfermas tais como: conversação irracional, expressão de fobia (temores mórbidos e persistentes a exemplo do medo irracional de estar em um local estreito ou de cair de lugares altos), perigosas ameaças de causar mal a si mesmo ou a outros, suspeitas infundadas de que outras pessoas o estão perseguindo ou que procuram prejudicá-lo, ações compulsivas a exemplo de lavar as mãos toda a hora, isolar-se da sociedade, escutar vozes e ver seres que não existem. Todas estas são características de indivíduos que não reagem diante do aconselhamento de uma pessoa sem preparo de conhecimento de psiquiatria.⁶⁸

Hoff faz alusão para a necessidade de o pastor conhecer acerca da saúde mental com a finalidade de poder distinguir entre as manifestações normais e neuróticas de ansiedade, angústia, bem como dos sintomas que indicam a necessidade de tratamento psiquiátrico e dos que podem ser eliminados

⁶⁷ Ibid, p.31

⁶⁸ Ibid, p.32

Ibid.

por uma assistência normal. Faz-se necessária a leitura de livros a respeito de neuroses, e de outras enfermidades psicológicas.⁶⁹

Quanto à necessidade de enviar pessoas a psicólogos e psiquiatras que apresentam incompatibilidade com a Palavra de Deus, Hoff aconselha que “o ideal é encontrar psicólogos e psiquiatras que sejam cristãos”.⁸¹

Sobre o aspecto da possessão demoníaca, Hoff entende que existem muitos casos em países cuja prática do espiritismo e superstição é acentuada trazendo, neste sentido, um grau de dificuldade para diferenciar um endemoninhado de um doente mental, porém, em grande parte

81

dos casos o demônio utiliza a pessoa e reage de modo contrário a oração feita com fé e poder espiritual.⁷⁰

3.2. TRÍADE TERAPÊUTICA

Ainda trabalhando as qualidades ou características cruciais para o aconselhador, Howard J. Clinebell identifica a “tríade terapêutica”: congruência, calor humano não-possessivo (solicitude e respeito pela pessoa) e compreensão empática. E acrescenta que esta tríade presente na pessoa do conselheiro, quando percebidas pelas pessoas que recebem a assistência, o relacionamento leva a ser um elemento de cura e crescimento.⁷¹

3.2.1 Congruência

Clinebell identifica como sendo a autenticidade interior, a integridade e a abertura. Sendo que o oposto de ser congruente é a impostura, “o fazer de conta” que gera oposição entre as palavras e os sentimentos reais. A perda da noção em sentimentos é a consequência de pessoas que por um

⁶⁹ Ibid, p.33

⁷⁰ Ibid, p. 33.

⁷¹ CLINEBELL, Howard J. Aconselhamento Pastoral. 3 ed. Trad. Walter O. Schlupp e Luís Marcos Sander. São Paulo: Paulus; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987. p. 405.

Ibid.

período longo de tempo esconderam seus verdadeiros sentimentos no interesse de serem aceitas por outras pessoas. Para o aconselhador o ser incongruente o impede de relacionar-se terapêuticamente com outra pessoa, produzindo áreas bloqueadas. Experimentar consideração é encontrar Graça consiste no amor que não necessita ser granjeado uma vez que está presente no relacionamento.⁸⁴

84

3.2.2 Calor humano não-possessivo

O calor humano para Clinebell consiste no aconselhador que passa a ser guia e companheiro num relacionamento afetuoso e humano, com a finalidade de ajudar o aconselhado para ter coragem de enfrentar seus problemas, de carregar o seu fardo e continuar a viagem, difícil, em direção a campos não explorados de sua personalidade.⁷²

3.2.3 Compreensão empática

Quanto à compreensão empática Clinebell compreende como a entrada no mundo interior de significados e sentimentos profundos da pessoa, ouvindo-a com atenção e interesse. Clinebell aponta como barreira para a compreensão empática, o narcisismo defensivo.⁷³ Isto significa dizer que encontramos impossibilidade de entrar no mundo da outra pessoa à medida que nos encontramos ocupados conosco mesmo. A característica de pessoas ocupadas consigo mesmas, se dá pelo fato da sua própria insegurança, e seus sentimentos de inferioridade e da necessidade de afirmação e atenção.⁷⁴

Somando-se a estas três qualidades do aconselhador, Clinebell acrescenta uma robusta “noção da própria identidade como pessoa”. Esta robustez se dá no aconselhador, pela firme noção de sua identidade e valor próprio às quais representam o núcleo de sua força do ego. A capacidade de resposta com sensibilidade às necessidades de outros é facilitada pela consciência centrada no próprio valor e personalidade.⁷⁵

Ainda dentro das qualidades essenciais do aconselhador, Clinebell aponta a quinta característica representada pela atitude terapêutica descrita por Henri Nouwen como do “sarador ferido”. Se origina de uma consciência vívida de familiaridade com a doença e o pecado, a solidão, alienação e o desespero da pessoa com distúrbio. Esta atitude terapêutica nos pastores se desenvolve na presença da pessoa alcoólatra, psicótica, ou propensa ao suicídio.⁷⁶ Percebe-se que “pela graça de Deus (e talvez com um pouco de sorte) lá vou eu!”. Esta consciência de que “lá vou eu!” requer uma rendição interior de sutis sentimentos de auto-idolatria e superioridade espiritual. Um de seus estudantes conceituou tal ação como “descer do pedestal de onipotência”. Clinebell acredita que uma rendição parcial de nossos sentimentos defensivos de superioridade contribui no relacionamento mutuamente terapêutico, ou seja, abre-se um buraco na barreira de gelo do orgulho que distancia as pessoas de nós, em especial aquelas com distúrbios.⁷⁷

Clinebell ainda aponta a sexta qualidade vital para o aconselhador a qual está representada pela vivacidade pessoal. Está representada pela capacidade de vida em toda a sua plenitude para os

⁷² Ibid. p. 406

⁷³ Ibid, p. 406

⁷⁴ Ibid, p. 407

⁷⁵ Ibid, p. 407

⁷⁶ Ibid, p. 407

⁷⁷ CLINEBELL. Ibid, p. 408

outros. Sendo que nossa tarefa como aconselhador é aprender como manter a vivacidade mais plena possível, esta é contagiosa. Ele conclui: “Pense um momento quão pesado você se sente depois de passar mesmo pouco tempo com certas pessoas. Compare-o com a vivacidade interessada que toma conta de você depois de passar o mesmo tempo com outras”.⁷⁸

4 O CONSELHAMENTO PARA O ADOLESCENTE

Falar sobre assuntos íntimos com um conselheiro frio, distante, pode ser ameaçador. O conselheiro deve atentar para encontrar o balanço ideal entre abordar o problema de maneira calorosa e objetiva. Isso é importante para desenvolver habilidades de resolução de problemas nos adolescentes. Para estabelecer uma relação de confiança e ajuda aos adolescentes, o aconselhamento deve seguir quatro fases. Estas são: 1) as boas vindas; 2) o entendimento; 3) a confrontação e 4) a ação.

⁷⁸ Ibid, p. 408

4.1 “AS BOAS VINDAS”

A primeira fase trata-se das “boas vindas”, momento em que o pastor e o adolescente mantêm contato visando o aconselhamento. “Por vezes o pastor não compreende bem o propósito desta fase inicial. Ele pode tender a seguir os seus instintos naturais e procurar ir direto para o conselho, o consolo, a persuasão, a exortação ou a elaboração de perguntas”.⁷⁹ É interessante buscar estabelecer uma identificação básica com o adolescente, comunicar aceitação e compreensão para auxiliar o aconselhado a se sentir seguro. A apresentação sobre o problema será provavelmente muito subjetiva e imprecisa, mas o adolescente precisa sentir que o conselheiro está dando total atenção ao assunto. Esta é a base da confiança.⁸⁰

Nesta fase deve-se construir um relacionamento cristão com o aconselhado, e também, firmar a esperança em Deus. Este processo de construção do relacionamento através da escuta ativa é o aspecto mais importante da fase inicial do aconselhamento. A principal tarefa do conselheiro consiste em ouvir reflexivamente.

O que é escutar? A escuta ativa se caracteriza na maneira que comunica afinidade, compreensão e interesse. É mais do que somente ouvir aquilo que a pessoa diz. Implica em manter o olhar no adolescente, evitar ser inquietos e dar toda a sua atenção à pessoa que está a falar. Na verdade, “Maus ouvintes evitam manter o olhar de quem fala, folheiam papéis ou olham para fora da janela, e dão a impressão de impaciência, tédio ou distração. Um bom relacionamento baseia-se naquilo que o/a jovem ouve, observa e sente sobre o/a conselheiro/a”.⁸¹

O que escutar? A maneira da pessoa falar ou dizer as coisas é através dos fatos; opiniões, e sentimentos. A "agenda escondida" é tudo o que incomoda a pessoa, porém, que ainda não foi por ela divulgado.

Desta maneira, para demonstrar que está a escutar ativamente, o conselheiro segue o que o adolescente está a dizer, dando várias dicas verbais, tais como, “Sim”, “Estou a ver”, “Certo”, ou “OK”. O conselheiro deve usar, de maneira apropriada e equilibrada, a tonalidade da voz, pois, falar muito alto e depressa pode deixar a pessoa mais ansiosa, retraída; falar muito baixo e devagar pode demonstrar que o conselheiro está a achar monótono o que a pessoa está a dizer.⁸²

O silêncio da pessoa pode significar indiferença? timidez? raiva contida? tristeza? falta de entendimento? “É bom lembrar que as insinuações não verbais variam de cultura para cultura, e,

⁷⁹ **Quatro fases de aconselhamento.** Disponível em: < <http://teologandos.xpg.uol.com.br/psipdfsjuntos.pdf> > Acesso em: 17 dez.2014.

⁸⁰ **Aconselhamento.** Disponível em: <<http://www.escueladefeminismo.org/IMG/pdf/materiais4.pdf>> Acesso em: 17 dez.2014.

⁸¹ **Aconselhamento.** Disponível em: <<http://www.escueladefeminismo.org/IMG/pdf/materiais4.pdf>> Acesso em: 17 dez.2014.

⁸² Ibid.

de vez em quando, dentro de grupos e dentro de uma cultura (por exemplo, homens e mulheres, adolescentes e adultos poderão mostrar diferentes padrões não verbais)".⁸³

Como escutar? Uma escuta eficaz nunca é passiva. Ela mostrará ao adolescente que se está interessado no que ele tem para dizer, que se respeita, que se está atento e que se é capaz de compreendê-la. Na escuta ativa, o elemento-chave da escuta ativa é manter o contato com a pessoa através dos olhos. Por isso, é apropriado ficar a escrever ou tomar notas durante o aconselhamento.

Um outro aspecto-chave a ser observado é a linguagem corporal. Esta consiste em manter os nossos movimentos sincronizados com os que a pessoa faz. Neste sentido, se ela se curva para a frente, o conselheiro deve fazer o mesmo, e assim por diante. A distância entre o conselheiro e o aconselhado deve ser confortável para ela, e, sobretudo, não é conveniente ter uma mesa a separar ambos. Fazer movimentos com a cabeça, indicando que o conselheiro está concordando, ou tem dúvida, mas, sobretudo, que se está a acompanhar o que a pessoa diz.⁸⁴

Sobre a linguagem corporal se encontra informações de exemplos positivos e negativos, a saber:

Exemplos de insinuações não verbais positivas: Inclinarse na direção da pessoa; sorrir, não mostrar tensão; evitar gestos nervosos ou inapropriados; apresentar expressões faciais que inspiram confiança; manter o olhar da pessoa; fazer gestos animadores, tais como, acenar com a cabeça de maneira simpática. Exemplos de insinuações não verbais negativas: Ler uma tabela; olhar para o relógio; bocejar, folhear papéis, ou olhar para fora da janela; franzir sobrancelhas.⁸⁵

Os exemplos de Técnicas não-verbais tanto positivas como negativas têm sua importância no aconselhamento aos adolescentes. Além disso, usar um tom de voz similar ao do adolescente, é indispensável, assim como evitar o tom de voz desagradável, como falar rápido ou devagar.

Olhar nos olhos, usar a expressão facial, os movimentos do corpo representa uma postura de atenção. Ao contrário, de olhar para longe com frequência ou fazer caretas ou não manter o olhar da pessoa por estar irrequieto.

O conselheiro deve manter uma distância espacial razoável do seu aconselhado, pois, uma distância inapropriada prejudica o aconselhamento. Não falar nem rápido nem devagar. Usar eventualmente gestos (acenos da cabeça) para demonstrar aprovação. Também, usar humor, se for apropriado, ajuda a reduzir a tensão. Usar humor inadequadamente, ou ser muito sério mantém o aconselhado distante.

Neste início do aconselhamento se deve buscar aceitação e empatia do aconselhado através do respeito, compreensão e firmeza pelo aconselhamento evitando a impressão de crítica ou julgamento. É um período para análise da situação do aconselhado e da sua maneira única de

⁸³ Ibid.r

⁸⁴ Ibid.

⁸⁵ Ibid.

perceber o mundo e a realidade. Do contrário, isso só serve para aumentar a resistência e colocar o adolescente ainda mais na defensiva.⁸⁶ Caso isto ocorra, o conselheiro poderá perder sua credibilidade como conselheiro.

Neste período, é preciso que o conselheiro demonstre compaixão, entendimento e humildade à semelhança de Cristo. Os adolescentes precisam saber que você está falando a verdade de Deus. Deste o início, se deve criar um contexto de confiança e verdade em Deus.⁸⁷ Isto demonstra ao aconselhado(a) um sentimento de aceitação e compreensão, também cria uma boa atmosfera para exploração, crescimento e mudança.

Em relação ao local, se deve evitar o aconselhamento na porta da igreja ou em qualquer local público. O normal é no escritório pastoral. Na verdade, “deve-se estabelecer uma diretriz para o aconselhamento e evitar que o relacionamento de aconselhamento se estenda para fora do escritório em cada encontro do pastor com o(a) aconselhado(a)”.⁸⁸ As primeiras comunicações são não verbais: a porta fechada, a dedicação de toda a sua atenção para o aconselhado. Em relação ao conteúdo, o conselheiro necessita garantir ao aconselhado que o assunto tratado na seção de aconselhamento merece segredo total. Em nenhuma hipótese deve mencionar privada ou publicamente o que foi tratado no escritório de aconselhamento. Caso isto ocorra, o conselheiro poderá perder sua credibilidade como orientador.

4.2 “O ENTENDIMENTO”

A segunda fase trata-se do “entendimento” direcionado para os objetivos do aconselhamento. É o conhecimento sobre como escolher intervenções adequadas. Nesta fase, se deve colher informações suficientes para entender bem o adolescente como pessoa e os detalhes de sua situação. E, então familiarizar-se com os detalhes de seu mundo.

Para se obter uma compreensão acurada da situação ou do problema do aconselhado, Collins afirma: “Um jovem aconselhando que odeia o pai pode transferir seu ódio para o conselheiro. É preciso que este reconheça que muitas vezes será tratado com hostilidade, desconfiança, medo ou elogios simplesmente porque lembra um outro adulto”.⁸⁹

A resposta prática do aconselhamento de adolescentes é o mecanismo de

⁸⁶ COLLINS, Op. Cit., p. 206.

⁸⁷ TRIPP, Paul David. Tarefas práticas no aconselhamento bíblico: exemplos de tarefas para diferentes fases do processo de aconselhamento. In: POWLISON, David (Org.). **Aconselhamento Bíblico**. São Paulo:: Seminário Bíblico Palavra da Vida, 2000. p 50.

⁸⁸ **Quatro fases de aconselhamento**. Disponível em: < <http://teologandos.xpg.uol.com.br/psipdfsjuntos.pdf> > Acesso em: 17 dez.2014.

⁸⁹ COLLINS. Op. Cit., p. 206.

“contratransferência”. Isto ocorre quando o conselheiro busca não agir como se fosse o pai, o ídolo ou outro indivíduo, o qual se está sendo comparado.⁹⁰ É uma habilidade específica para a intervenção.

O adolescente em seu processo de “auto-exame” deve assumir a responsabilidade e aprender a ver a si mesmo sob uma nova perspectiva bíblica. Paul David Tripp declara: “Pecado e obediência nunca são algo genérico. Eles são sempre respostas específicas a situações específicas em que Deus coloca determinada pessoa”.⁹¹

É vital que o conselheiro obtenha entendimento detalhado do adolescente e da situação em que Deus coloca-o para trazer uma maior percepção de si mesmo. Assim, a fase do “entendimento” abrange um sistema organizado de pensamento sobre pessoas e seus problemas.⁹²

4.3 “A CONFRONTAÇÃO E O CONSOLO”

A terceira fase trata-se da “confrontação e consolo”, habilidades específicas de intervenção. Nesta fase, o propósito do aconselhamento é ajudar o adolescente a olhar para si mesmo conforme o padrão bíblico e aceitar as promessas de Deus. “O alvo da fase de confrontação-consolo é o verdadeiro arrependimento que inclui pensamentos, motivação e comportamentos”.⁹³

Para que exista arrependimento é necessário uma confissão sincera a Deus, à aceitação de Cristo como padrão de comportamento e prática de estilo de vida. Porém, Collins afirma: “como os adolescentes às vezes não admitem que têm problemas, o aconselhamento se torna desafio”.⁹⁴ Há maior possibilidade do adolescente revelar seus temores, segredos, preocupações, impulsos e tensões através do diálogo, ao invés da inquisição.

Neste diálogo, o conselheiro no seu falar deve, primeiramente, promover o engajamento do adolescente mediante a consciência visando a expressão do arrependimento. Em segundo lugar, o diálogo deve mostrar e oferecer a Palavra de Deus para que possam ver a si mesmos refletidos com exatidão nas Escrituras. Sim, ver a si mesmo como de fato é. E, em terceiro lugar, colocar à prova as questões do coração bem como as de comportamento. Em fim, a verdade falada deve guiar o seu pensamento a respeito do processo confrontação-consolo.⁹⁵

⁹⁰ Ibid.

⁹¹ TRIPP, Ibid., p. 52.

⁹² **Quatro fases de aconselhamento.** Disponível em: < <http://teologandos.xpg.uol.com.br/psipdfsjuntos.pdf> > Acesso em: 17 dez.2014.

⁹³ Ibid., p. 60.

⁹⁴ COLLINS., p. 206.

⁹⁵ TRIPP., Op. Cit., p. 55.

4.4 “A AÇÃO”

A quarta fase trata-se da “ação ou estabelecimento de alvos”. Esta fase refere-se à ação que o conselheiro/a e o aconselhado decidiram implementar. Nesta fase, o conselheiro apoia o adolescente na acção que ele decidiu tomar e, finalmente, avalia a situação.⁹⁶ Esta representa uma transição, uma mudança no relacionamento. Nesta fase, o objetivo consiste em colocar em prática na vida cotidiana mudanças conforme o propósito divino.

O conselheiro deve desenvolver habilidades de transição suaves mediante o apoio contínuo.

“Para ajudar os aconselhados a alcançar esse alvo, é necessário concentrar esforços nos problemas mais impostantes. Algumas vezes, isso é feito dando orientação constante ao adolescente enquanto ele vai mudando sua maneira de pensar, seus pontos de vista e seu comportamento”.⁹⁷

Resumindo, a ação é o retorno do adolescente ao relacionamento pastoral anterior ao aconselhamento. É a realização da transição para o aconselhamento por meio do apoio contínuo do conselheiro. É a construção de relacionamentos por meio do esclarecimento dos objetivos, do ouvir reflexivamente e ganhar a aceitação e empatia.

Para estabelecer uma relação de confiança e ajuda aos adolescentes a resolver os problemas e manter mudanças no comportamento. Assim, o aconselhamento deve seguir quatro fases para facilitar tal ajuda. Estas são: 1) as boas vindas; 2) o entendimento; 3) a confrontação e 4) a ação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aconselhamento pode ser visto como uma forma de ajudar as pessoas a definir, para si próprias, a natureza dos problemas que estão a viver. Neste sentido, os adolescentes juntamente com seus conselheiros podem tomar decisões realistas em relação ao que podem fazer para diminuir o impacto desses problemas sobre si, sua família e seus amigos. Ajudar as pessoas a adquirirem confiança para mudar o seu estilo de vida é uma parte fundamental do aconselhamento. Por isso, o conselheiro deve observar o comportamento dos adolescentes com os pais, com os amigos, consigo mesmo e assim por diante.

Saber sobre a adolescência e seus períodos (pré-adolescência, adolescência e adolescência final) ajuda as pessoas a refletirem sobre os seus valores, atitudes, percepções e condutas para que possam fazer escolhas informadas e consistentes com os seus valores e prioridades. Neste sentido, o processo de aconselhamento inclui a avaliação da adolescência e seus vários fatores (mudanças

⁹⁶ Modelos de aconselhamento, p. 11.

⁹⁷ COLLINS., p. 207.

físicas, mudanças sexuais, relações interpessoais, moral e religião, independência, identidade e auto-estima, futuro) que causam riscos pessoais em relação a um determinado problema ou situação e facilita a adoção de comportamento voltados para tais fatores.

O aconselhamento também oferece o suporte necessário para entender as características comportamentais do adolescente no tempo de crise, tais como: a independência, a disciplina, oposição à autoridade, oscilação de humor, depressão e elação, falta de ordem, falta de ordem, inconstância, e afeto. O conhecimento, por si só, não basta para reduzir a resistência das pessoas à mudança. Através do aconselhamento, o/a jovem torna-se capaz de encontrar novas ou diferentes formas de sexo protegido e responsabilidade nas relações sociais.

É papel do conselheiro é ajudar a resolver os problemas e manter mudanças no comportamento do aconselhado. Para isso, o conselheiro deve apresentar qualidades éticas (guardar confidências; evitar o contato físico; não usar o aconselhamento para satisfazer seus próprios desejos; não esconder suas convicções cristãs; não tentar convencer o aconselhado a continuar recebendo conselho; reconhecer suas próprias limitações). O aconselhamento pode ajudar o adolescente a melhorar o seu auto-desenvolvimento em direção à maturidade pela resolução de dificuldades através do conhecimento, da compreensão e agindo conforme o processo do aconselhamento: “as boas vindas”, “o entendimento”, “a confrontação e o consolo”, “ação”.

Na adolescência, o aconselhamento ajuda nos tipos de decisão mais comuns a serem tomados. Estes referem-se a amizades, estudos, profissão, trabalho, namoro, casamento, vida sexual, relacionamento familiar e lazer. O compromisso com a decisão tomada em geral, exige esforços próprios e requer apoio e colaboração de outras pessoas (como o conselheiro). Mas a chave para aprender pelo aconselhamento a tomar boas decisões e colocá-las em prática é repetir esse tipo de exercício com uma certa frequência.

6 REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Stanley E. **Cada Pastor um Conselheiro**. Trad. Harold Renfrow. Casa Publicadora Batista Rio de Janeiro, RJ. 1963. 200p
- ARTHUR, John F. Mac Jr. **Introdução ao Aconselhamento Bíblico**. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2004. 437p.
- BARROS, Ebenézer da Silva. **Manual do Líder de Adolescentes**. Belém: COBAPA. 1995. 67p.
- CHEDD, Russell P. **Bíblia Nova**. Ed. Revista e atualizada no Brasil. Ed. São Paulo: SBB, 1989. 2205p.
- CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento Pastoral**. 3ª. ed. Trad. Walter O. Schlupp e Luís Marcos Sander. São Paulo: Paulus; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987. 427p.
- COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão**. 12ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 2001. 389p.
- _____ **Ajudando Uns aos Outros: O papel dos cristãos no aconselhamento**. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova. 1982. 190p.
- COSTA, Moacir. **Sexualidade na Adolescência**. 3ª. Ed. Porto Alegre RS: L e PM Editores. 1986. 176p.
- FABER, Heije; SCHOOT, Ebel Van Der. **A Prática da Conversação Pastoral**. Trad. Sílvio Schneider: Sinodal. Sao Leopoldo, RS. 1962.
- HOFF, Paul. **O pastor como conselheiro**. 4. ed. São Paulo: Vida, 2002. 288p.
- KEMP, Jaime. **Adolescência: Crise ou Curtição?** 5a. ed. São Paulo: Vida. 2004. 142p.

_____ **Eu amo você.** 12. ed. São Paulo: Sepal, 1989. 108p.

_____ **Respostas francas a perguntas honestas.** 2ª. ed. São Paulo: Sepal, 1989. 104p.

LAHAYE, Beverly. **Como desenvolver o temperamento de seus filhos.** 9ª.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1999. 152 p.

MACARTHUR, John F.Jr., MACK, Wayne A. **Introdução ao Aconselhamento Bíblico.** trad. Enrico Pasquini. 1ª.ed. São Paulo: Hagnos, 2004. p.87

NOVELLO, Fernanda Parolari. **Psicologia da adolescência.** 2ª. ed. São Paulo. Ed. Paulinas. 1990, 192p

RUTHE, Reinhold. **Prática do aconselhamento terapêutico.** 1ª. ed. em português: tradução: Irmgard August Siemens. Curitiba: Luz e Vida, 2000. 255 p.

RYLE, J.C. **Uma palavra aos moços.** 8. ed. São Paulo: Fiel, 1994. 80 p.